

Para um BE como alternativa socialista também na juventude!

30-Jan-2009

Um dos sectores onde a política do BE tem mostrado maior penetração, desde o seu surgimento, é a juventude. A irreverência com que o BE apareceu, e o facto de ser uma alternativa antiburocrática ao PCP, fez chegar o interesse pela política e a militância a muitos jovens.

À

Texto de Flor Neves, subscritora da Moção CÂ

Também os ataques à juventude têm sido imensos nos últimos anos e em particular com a governação das câmaras: o crescimento exponencial da precariedade no trabalho e no desemprego; o aumento brutal do valor das propinas e o estrangulamento financeiro das universidades; a falta de democracia nas escolas e a sempre adiada aplicação da educação sexual.

Contudo, a institucionalização do BE, enquanto partido cada vez mais virado para o parlamento e para as eleições, e a falta de uma política clara de estruturação na base do partido, tem tido consequências na sua actuação junto da juventude.

Ao nível do ensino secundário e superior, o BE não tem conseguido estruturar os seus activistas de forma consequente e continuada. Os colectivos de faculdade ou universidade são poucos e na sua maior parte inconstantes; o trabalho no secundário é restrito geograficamente e muito embrionário. As actividades nacionais dos jovens, como o acampamento, deixaram de ser consideradas prioritárias pela direcção do BE, com consequências graves no apoio (ou falta dele) ao acampamento. Finalmente, em tempos ainda recentes, muitos camaradas afectos ao BE eram favoráveis ao fim da Conferência Nacional de Jovens e à eleição democrática da sua Coordenadora. Pensamos que a actividade dos jovens deve ser mais que a colar cartazes e distribuir panfletos, pois podemos e temos de ir muito mais longe!

O BE tem que ter uma presença activa e organizada nas escolas e faculdades, dinamizando colectivos combativos e democráticos, com todos os activistas do BE e que não sejam do BE, e que centrem a sua actividade nos problemas da escola, faculdade ou universidade, procurando dar resposta às preocupações concretas dos estudantes da instituição onde actuam, dos problemas quotidianos e da luta pela sua resolução. Este trabalho não deve impedir, mas sim fomentar a intervenção nos órgãos pedagógicos e de gestão das escolas e faculdades, nas associações de estudantes, bem como junto das residências universitárias.

Por outro lado, também é necessário ir mais longe no trabalho junto dos jovens precários.

Iniciativas como o Mayday são importantes, mas não chegam. É preciso organizarmo-nos nos locais de trabalho enquanto alternativa, junto daqueles que conosco querem mudar as coisas, porque sabem que elas não estão bem.

Queremos um

BE militante, democrático e combativo, voltado para o trabalho de base, que esteja nos movimentos (sem os controlar, mas neles intervindo com política e democracia) e impulse as suas lutas. Consideramos que os jovens, pelo seu dinamismo e radicalidade têm nesta tarefa um papel fulcral. É também esse desafio que trazemos a esta Convenção.